



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**ALMIRA LINS DE MEDEIROS**

**O DESAMPARO DA VELHICE NO MUNDO EM PANDEMIA**

**CAMPINA GRANDE**

**2021**

ALMIRA LINS DE MEDEIROS

**O DESAMPARO DA VELHICE NO MUNDO EM PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior

**CAMPINA GRANDE**

**2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M488d Medeiros, Almira Lins de.

O desamparo da velhice no mundo em pandemia  
[manuscrito] / Almira Lins de Medeiros. - 2021.  
35 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Biológicas e da Saúde, 2021.

"Orientação : Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior,  
Departamento de Psicologia - CCBS."

1. Desamparo. 2. Velhice. 3. Idosos. 4. Pandemia. I. Título  
21. ed. CDD 305.26

ALMIRA LINS DE MEDEIROS

O DESAMPARO DA VELHICE NO MUNDO EM PANDEMIA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: 26 / 11 / 2021.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Jailma Belarmino Souto

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Maria do Carmo Eulálio

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos velhos e aos que se dispõem a escutá-los,  
DEDICO.

*“Agora que estou velho, sei por assim dizer, pelo outro lado, quão difícil é para as pessoas jovens ou de meia-idade entender a situação e a experiência dos velhos”.*

*ELIAS (2001, p. 81).*

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>07</b>
<b>2</b>	<b>DESAMPARO E CULTURA</b> .....	<b>09</b>
<b>3</b>	<b>VELHICES E VULNERABILIDADES</b> .....	<b>12</b>
<b>4</b>	<b>VELHICE E PANDEMIA</b> .....	<b>18</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>25</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>26</b>
	<b>ANEXO A - MEMES QUE RETRATAM A VELHOFOBIA</b> .....	<b>31</b>

## O DESAMPARO DA VELHICE NO MUNDO EM PANDEMIA

### THE ABANDONMENT OF THE ELDER IN A PANDEMIC WORLD

Almira Lins de Medeiros\*

#### RESUMO

O terror da morte se impôs, na pandemia, em função da população se encontrar exposta à contaminação de um vírus desconhecido e letal. Com a ameaça de dissolução do próprio corpo, o desamparo originário é reativado. Nesse cenário, em relação aos velhos, sobressaíram-se demonstrações de insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos. Motivado por interrogações suscitadas por tais acontecimentos, este artigo tem como objetivo analisar as condições nas quais o desamparo vem se estabelecer para o velho, num mundo em pandemia. Enquanto revisão de literatura narrativa recorre a diferentes autores, especialmente a Sigmund Freud, Joel Birman e Ângela Mucida. Tece considerações acerca das articulações entre desamparo e civilização; quanto aos recursos simbólicos e imaginários que a cultura tem proporcionado aos velhos, como se tem concebido suas fragilidades/vulnerabilidades e os efeitos dessas concepções sobre suas subjetividades; e, sobre a conjunção das vicissitudes impostas a todos pelo contexto pandêmico àquelas que sobrevivem aos velhos, e às decorrentes do “lugar” que a cultura lhes atribuiu. Conclui que a guerra cultural, que envolveu os idosos, se instalou pela necessidade que se sentiu de afastar de si os signos da morte; que os discursos de humor que visaram destituir o velho de sua autonomia foram utilizados para obter um ganho de prazer, como uma recusa a inquietar-se com os acontecimentos da realidade circundante e uma afirmação da invulnerabilidade do Eu; e, que o lugar social atribuído aos velhos favoreceu a dilatação das normas que oportunizaram expressões de agressividade em relação a eles.

**Palavras-chave:** Desamparo. Velhice. Pandemia.

#### ABSTRACT

The terror of death was imposed, during the pandemic, as a result of the population being exposed to the contamination of an unknown and lethal virus. With the threat of dissolution of bodies themselves, the original abandonment is reactivated. In this scenario, related to the elderly, demonstrations of the insufficiency of the norms that regulate human bonds stood out. Motivated by questions raised by such events, this article aims to analyze the conditions under which abandonment is established for the elderly, in a pandemic world. As a narrative review, it uses different authors, especially Sigmund Freud, Joel Birman and Ângela Mucida. Elaborates considerations about the articulations between abandonment and civilization; as for the symbolic and imaginary resources that culture has provided to the elderly, how their fragilities/vulnerabilities have been conceived and the effects of these concepts on their

---

\*Aluna do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba  
[almira.medeiros@uepb.edu.br](mailto:almira.medeiros@uepb.edu.br)

subjectivities; and, about the conjunctions of the vicissitudes imposed to everyone by the pandemic context to those that come on to the elderly, and to those arising from the “place” that the culture assigned them. It concludes that the cultural war, which involved the elderly, was installed due to the necessity of put away the signs of the death themselves; that the humor speeches that aimed to deprive the elderly of their autonomy were constituted as a resource used to obtain a gain of pleasure, as a refusal to worry about the events of the surrounding reality and the affirmation of the invulnerability of the Self; and, that the social place assigned to the elderly supported the expansion of the norms that gave rise to expressions of aggressiveness towards them.

**Keywords:** Abandonment. Elder. Pandemic.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao vivenciar a pandemia da Covid-19, defrontamo-nos, cotidianamente, com situações que desafiam a nossa capacidade de elaborar respostas. Nesse contexto sentimos medo, o desgaste emocional sobreveio frente às notícias acerca do avanço de uma doença pouco conhecida, ao risco de contaminação, aos relatos de dor pela perda de entes queridos, amigos, familiares que sucumbiram e ao isolamento social. Além disso, compartilhamos da tensão vivida por profissionais da área de saúde e por outros que atuavam em outros serviços essenciais. Experimentamos intranquilidade política e econômica, planos foram adiados e muitos tiveram que se reinventar para garantir a própria subsistência.

Como nos lembra Dunker (2020, p. 13), “o ser humano é esta noite, este vazio, este nada diante da força da natureza”. O SARS-CoV-2, enquanto herdeiro dessa potência nos afetou e conturbou a nossa realidade. Impactados “vagamos perdidos entre discursos, em um verdadeiro pandemônio que, em maior ou menor grau, geram incertezas e instabilidades no plano individual ou coletivo quanto ao presente e ao futuro” (AMORIM, 2020, p. 16). Suspensão foi a palavra que Sattler (2020) usou para referir-se a este vagar, para designar uma vivência que se expressa por um não saber o que esperar, o que dizer, o que pensar. E, de estar à espera de saber, entre outras coisas, quanto tempo ainda vai ser necessário para que o abraço possa não mais ser igualado à ocasião propícia à transmissão do Coronavírus.

Nessa pandemia, não nos isolamos para encontrar a felicidade na quietude, fomos confinados para nos defender do inimigo comum. Diante dessas condições, as relações sociais sofrem diferentes impedimentos, os laços sociais são abalados, ainda que tenhamos encontrado nos “novos dispositivos tecnológicos um aliado para a sobrevivência dos vínculos sociais e espaciais” (SILVA, 2020, p. 90). O corpo é ameaçado, o seu declínio e dissolução se fazem presente. Sendo assim, qualquer alteração, nele, pressentida, que possa vir a ser relacionada à infecção viral, constitui-se em sinal de advertência e anuncia o perigo que nos ameaça.

Para além da quebra de continuidade de nossas existências, das alterações de seu dever, das modificações provocadas em nossa rotina e do tédio da igualdade dos dias, as condições de assistência foram sabotadas (SILVA, 2020). Certamente, a nossa expectativa de amparo incluía a disponibilidade de serviços médicos, hospitalares e assistenciais eficientes; que funcionando sob orientações articuladas, entre os diferentes níveis de regulação, pudessem nos trazer confiança. O atendimento deste anseio, no entanto, não sucedeu como esperado; muito

provavelmente porque, coincidentemente, instalou-se, no Brasil, um ambiente político próprio de uma democracia tipicamente instável e frontalmente ameaçada.

Tendo em vista os dados do número de vítimas, no Brasil, é possível estabelecer uma analogia entre a pandemia e a guerra, em que “as pessoas morrem de fato em grande número e não mais isoladamente” (FREUD, 2015, p. 233). Pois, ainda que não tenhamos atingido, no nosso país, milhares de mortes num só dia, o acúmulo de óbitos não dão lugar à impressão de que estas mortes aconteçam por acaso. Nessas circunstâncias, com a população exposta à contaminação do novo Coronavírus, “o terror da morte, se impõe em larga escala, no psiquismo dos sujeitos [e] reativa intensamente aquilo que Freud denominou de desamparo originário do sujeito” (BIRMAN, 2020, p. 135).

Embora crianças e jovens possam contrair o vírus e vir até mesmo falecer em consequência da infecção da Covid-19, as investigações epidemiológicas apontaram os indivíduos com mais de 60 anos como população de risco. O risco é justificado tanto em função da diminuição das defesas imunológicas advindas da idade avançada, como da ocorrência de diversas comorbidades conexas (BIRMAN, 2020). A taxa de mortalidade tem sido maior nessa faixa etária<sup>1</sup>, por conseguinte, os idosos, identificados como o público mais vulnerável e susceptível a contrair a doença, são candidatos, em potencial, a encontrar a morte. Ademais, em relação a eles, sobressaíram-se demonstrações de insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos.

O entendimento do que seja a velhice permite uma maior aproximação da vivência da pandemia pelos idosos. Para Mucida (2004) esta seria “o encontro do sujeito com o real do tempo, quando o tempo marcado pela experiência fálica derrapa” (MUCIDA, 2004, p.18). Um real que, na concepção lacaniana, diz respeito ao que resiste à simbolização, inacessível a qualquer pensamento subjetivo, impossível de ser transmitido porque é impensável, inominável (ROUDINESCO; PLON, 1988). Assim, um esvaziamento absoluto de sentido que manifesta-se como acontecimento capaz de apartar o sujeito dos significantes que o possam nomear e “apesar de não poder ser visto, não ser tocado, não ser nomeado, tem incidência sobre o sujeito” (MUCIDA, 2004, p.129).

Na velhice, em consequência do encontro maciço com os signos do real, dos limites impostos pela castração, o sujeito pode viver seu desamparo de maneira intensa, o que demanda um tratamento relevante e contínuo do simbólico. Devido ao afrouxamento dos laços afetivos, poderá prevalecer um enfraquecimento do tempo presente, impelindo o velho a conceber novas maneiras de atualizar o passado, inventando amarrações para o urdi-lo ao futuro, com a expectativa de transmutar o desejo (MUCIDA, 2004).

---

<sup>1</sup>Em fevereiro de 2021, registrou-se um aumento do número vítimas com 60 anos ou mais entre os mortos por Covid-19. Neste período, o percentual registrado foi 74,2%, enquanto que em maio de 2020 havia sido de 69,2%. Em setembro de 2021, com o avanço da vacinação dos mais jovens, observou-se um declínio significativo no número de internações e óbitos, em todas as faixas etárias. Este declínio foi menor entre os maiores de 80 anos. Verificando-se, especificamente, no tocante ao registro de óbitos, uma reconstrução do cenário anterior ao início da vacinação, com a concentração de mortes nas faixas etárias mais longevas, ocorrendo 71,1% destas, neste seguimento. Fonte: Portal Fio Cruz. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-boletim-indica-queda-de-obitos-pela-decima-semana>.

Atentando para os limites que aos velhos podem sobrevir, estimando que para eles - que correm maior risco de letalidade - o terror da morte se faça exercer, nos interrogamos sobre como o desamparo se estabelece para velhice na pandemia? Alinhado aos questionamentos relativos à incidência do lugar social atribuído ao velho sobre sua subjetividade, este artigo tem por objetivo analisar as condições nas quais o desamparo vem se estabelecer para o velho, num mundo em pandemia. Sua escrita decorre da constatação de que idosos são alvo de estratégias de destituição do outro do lugar social, é movida pela necessidade de se colocar em pauta questões para se pensar a velhice e as políticas públicas que lhe são endereçadas, seus fundamentos, a sua elaboração e as práticas que delas derivam. Configurando-se como revisão de literatura narrativa, recorre a diferentes autores, especialmente à Sigmund Freud, Joel Birman e Ângela Mucida.

## 2 DESAMPARO E CULTURA

O exame que se origina da questão norteadora deste estudo, requer que teçamos considerações sobre o desamparo, circunscreva o seu entendimento e suas articulações com o processo civilizatório. Assim, ponderar sobre como a condição de desamparo tem como contrapartida a dependência do Outro e que a cultura, sendo resultante do esforço dos indivíduos para fazer frente ao desamparo, enquanto representante do Outro - sociedade do amparo-, impõe restrições aqueles que dela querem fazer parte. E, ainda que tenhamos adquirido bens de natureza psíquica nesse percurso, permanece a necessidade de inibição de hostilidades à cultura no interior do grupo cultural.

O termo desamparo indica uma ideia de negação, oposição e privação, remetendo a um estado de falta de amparo, abandono, solidão (FERREIRA, 2010). O estado de desamparo na obra de Freud assume um sentido específico e indica, da parte do lactente, inteira dependência de outrem na satisfação de suas necessidades, dado a sua impotência para realizar uma ação específica e adequada para dar fim a uma determinada tensão (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016).

Uma tensão que se refere às excitações oriundas do interior do organismo, cujo alívio requer intervenção externa (SCHARINGER; CHATELARD, 2010). Uma satisfação pulsional que, marcada pelo desamparo primordial e efetuada por ajuda do Outro da subsistência, caracteriza o sujeito humano. Segundo Daólio (2006), para Freud, essa via de descarga adquire a função de comunicação, e “instaura a necessidade de ser amado como equivalente a ser protegido das situações de perigo” (SANTOS; FORTES, 2011, p. 752-753).

O desamparo como concebido por Freud é uma situação de solidão e dependência absolutas. Solidão que diz respeito à uma angústia primeva, que traduz a condição de estar sem o outro – sem o socorro do outro- mas sem que possa, dele, prescindir. Uma dependência não só biológica mas também subjetiva, em que o bebê necessita do Outro, que exercendo uma função materna, possa responder ao seu apelo, transformando-o numa demanda. É essa figura desse Outro do socorro, da demanda, do amor, Outro provedor que vai participar da estruturação do sujeito infans (QUINET, 2020).

Como se observa, é em razão da prematuridade do ser humano, que por si só não dar conta de sua sobrevivência, que a contrapartida do desamparo é a dependência do Outro. Adquirindo a alteridade, “uma condição de onipotência, influenciando de forma decisiva a estruturação do psiquismo, destinado a se constituir a partir da relação com outrem” (SANTOS;

FORTES, 2011, p. 753). Para as autoras, o sujeito, que até o momento não se encontrava determinado, se funda como efeito da presença da alteridade, que funciona como contenção de descarga pulsional.

“Através da cultura/civilização/laço social procuramos fazer frente a esta condição de desamparo” (BETTS, 2014, p.10). Incapazes de viver, totalmente, isolados, homens e mulheres se associam e constroem o que, em princípio, deve ser uma sociedade do amparo. Organizando-se em grupos, coletividades e até em Estados, buscam dispor de um Estado provedor; que, exercendo a função do Outro do socorro, proporcione o amparo ao sujeito no interior de cada organismo social, não os abandone em relação a saúde, a educação e ao bem-estar, tanto na infância, como na velhice. A esse esforço em estabelecer um “estado provedor” e o que dele resulta, Freud atribui o nome de civilização<sup>2</sup> (QUINET, 2020).

A civilização/cultura humana tem duas faces interdependentes, que abrangem

os conhecimentos e habilidades que os homens adquiriram para controlar as forças da natureza e dela extrair os bens para a satisfação das necessidades humanas; [...]e as instituições necessárias para regulamentar as relações entre os indivíduos e, em especial, a distribuição dos bens obtíveis (FREUD, 1927/ 2014, p. 233).

A interdependência entre essas faces derivam do fato das relações entre os indivíduos sofrerem influência do grau de satisfação instintual que podem ser obtidas pelos bens que se conseguiu fazer existir; inclusive, porque nessas relações o indivíduo pode vir a assumir a condição de um bem, tanto como objeto sexual como pelo uso de sua força de trabalho. Além disso, mesmo devendo ser a cultura de interesse geral, os indivíduos são, potencialmente, inimigos da cultura. Em consequência, os regulamentos e instituições objetivam defender a civilização de suas ações; não apenas no tocante à organização da distribuição de bens, mas também no que concerne à proteção das conquistas relativas à compreensão e ao convívio com a natureza e a tecnologia que permite a produção dos bens materiais (FREUD, 1927/ 2014).

Na obra “O mal-estar na civilização”, Freud reitera a existência da agressividade humana, assegura a presença da hostilidade entre os homens, afirmando que esta é uma incessante ameaça à sociedade, à sua desagregação. Para o autor, o ser humano não é uma criatura branda e ávida de amor, o próximo não é apenas um possível colaborador, mas constitui-se em tentação para satisfazer a tendência à agressão: utilizar-se dele, sexualmente, contra a sua vontade; usurpar seu patrimônio; humilhá-lo; fazê-lo sofrer; torturá-lo; matá-lo (FREUD, 1930/2010).

Dessa forma, o homem é tido como lobo do homem, podendo se revelar uma besta, quando se expressa de modo espontâneo, em virtude de as forças psíquicas que inibem a sua agressividade se encontrarem ausentes. Para impor limites à agressividade do homem, a civilização instiga as pessoas a estabelecer identificações e relações amorosas inibidas em sua meta e impõe restrições a vida sexual. Um exemplo deste estímulo é o mandamento ideal de “amar o próximo como a si mesmo”; que se justifica, precisamente, por ser contrário à condição humana (FREUD, 1930/2010).

Enquanto disposição autônoma, o pendor à agressão é indestrutível traço da condição humana. Sendo assim, este se revela na hostilidade de um contra todos e de todos contra um, é

<sup>2</sup> Em O futuro de uma ilusão, Freud afirma: “A cultura humana- refiro-me a tudo aquilo em que a vida humana se ergueu acima de suas condições animais e em que se distingue da vida animal- e eu me recuso a distinguir civilização de cultura (FREUD, 1927/ 2014, p. 233).

derivado e representante maior da pulsão de morte e se constitui como poderoso obstáculo ao processo civilizatório. A cultura, um processo a serviço de Eros, é um programa que visa juntar indivíduos isolados e sua evolução expõe uma luta entre as pulsões de vida e de morte, ou seja, uma luta, entre Eros e a pulsão de destruição, que é fundamento da vida (FREUD, 1930/2010).

Porque persiste o eterno conflito entre civilização e barbárie, que este perpassa os processos individuais e civilizatórios, a cultura, impõe restrições ao pendor agressivo dos homens, que não se sentem bem ao submeterem-se a elas. Nessas condições, o desamparo sobrevém “da impossibilidade de relacionamento com o outro e com o mundo, [obrigando o indivíduo] a defrontar-se com inúmeras situações de vulnerabilidade” (KOLTAI, 2014, p.25).

De acordo com Freud (1930/2010), se a pulsão de destruição for domada, moderada, inibida em sua meta, e dirigida para os objetos, pode proporcionar ao Eu a satisfação das suas necessidades vitais e o domínio sobre a natureza. O autor lembra, inclusive, que o homem primitivo não sofria restrições ao seu pendor agressivo, também não contava com grandes garantias de que pudesse usufruir dessa felicidade (FREUD, 1930/2010).

Em relação às determinações impostas pela civilização, Quinet (2020) afirma que, para se fazer parte da sociedade do amparo, entrar no laço social tem um preço. Segundo o autor, um preço a que Freud denomina de renúncia às pulsões e Lacan entende ser uma renúncia a certa forma de gozar.

Nessa perspectiva, Betts (2014) considera a cultura como suplente da função materna, herdeira do supereu parental e da função paterna. Uma vez que, no desamparo, nos proporciona os meios simbólicos e imaginários para fazer frente ao que não cessa de se inscrever, estipula deveres morais e ideais do eu e consente sermos criativos diante do que se apresenta como impossível; com os recursos do simbólico e do imaginário, conceber novos modos de viver. Nessa mesma direção, Freud (1927/2014), registra a evolução da psique humana frente às exigências da sociedade, às frustrações<sup>3</sup>, proibições e privações impostas pela cultura e aponta bens de natureza psíquica adquiridos nesse processo, tais como: a internalização dos preceitos culturais, o patrimônio de ideais, criações artísticas, as ideias religiosas e/ou suas ilusões.

Um dos avanços psíquicos é a possibilidade da coação externa ser internalizada pelo Super-eu<sup>4</sup> humano, que acolhe as prescrições da cultura. Processo que transforma a criança em um ser moral e social e do qual resulta o fortalecimento do próprio Super-eu. Constituindo-se em valioso patrimônio cultural psicológico, posto que os indivíduos que tiveram o Super-eu fortalecido tornaram-se portadores de cultura. Um maior número de portadores de cultura, em um grupo social, redundam em garantia para a cultura e menor uso de coação externa. “Mas o grau dessa internalização varia muito nas diversas proibições instituídas” (FREUD, 1927/ 2014, p. 241).

Os ideais e ou realizações mais elevadas e mais dignas de serem perseguidas foram abstraídas das realizações coletivas – ações conjuntas de dotes frente às circunstâncias exteriores a uma cultura –, preconizam e ensejam a continuação dessas mesmas realizações. O ideal proporciona aos integrantes da cultura uma satisfação de natureza narcísica, advinda do orgulho pela realização coletiva alcançada e funciona como força que inibe hostilidades à cultura no interior do grupo cultural (FREUD, 1927/ 2014).

---

<sup>3</sup>Frustração expressa o fato de uma pulsão não poder ser satisfeita, enquanto que proibição corresponde ao regulamento que a determina e a privação refere-se ao estado que foi produzido pela proibição (FREUD, 1927/ 2014).

<sup>4</sup> Como grafado no texto fonte pesquisado.

Às renúncias relativas à cultura, a arte oferece satisfações substitutivas, permitindo que nos reconciliemos com os sacrifícios que elas envolvem. Para Freud (1930/2010), quem é receptivo as suas influências, lhe estima como fonte de consolo e prazer. Localizando essa fruição entre as possibilitadas pela fantasia, observa: “a suave narcose em que nos induza arte não consegue produzir mais que um passageiro alheamento às durezas da vida, não sendo forte o bastante para fazer esquecer a miséria real” (FREUD, 1930/ 2010, p. 37).

Ainda que a cultura dispense o indivíduo de se proteger sozinho dos poderes da natureza e do destino, a sua autoestima ameaçada reclama consolação, almeja uma vida livre de pavores. Posto que permanece o desamparo, anseia pelo pai e pelos deuses, que estes lhes livre de todos os pavores, provenientes da natureza, do destino – a exemplo da morte e dos sofrimentos e privações da própria vida civilizada. Sendo assim, os deuses poderia compensar-lhes pelos sofrimentos da vida em sociedade, zelando pelo cumprimento das normas culturais, consideradas, inclusive, de origem divina. As ideias religiosas, as suas concepções, nascem “da necessidade de fazer suportável o desvalimento humano, construído com o material das lembranças da infância do indivíduo e da raça humana” (FREUD, 1927/ 2014, p. 251). Derivam-se das mesmas necessidades que deram origem a civilização, e do impulso de corrigir as suas imperfeições.

A gênese psíquica das ideias religiosas é consoante aos desejos da humanidade, já que sua força advém deles. O desamparo primordial suscitou a urgência de proteção que seria atendida através do amor do pai e “a compreensão de que esse desamparo continua por toda vida motivou o apego à existência de outro pai- agora mais poderoso” (FREUD, 1927/ 2014, p. 266). Desse modo, a angústia ante os perigos da vida pode ser amenizada pela ação da divina providência e se pode confiar em uma ordem moral universal capaz de assegurar que a justiça se cumpra entre os homens. Uma vida futura que dá seguimento à terrena proporciona o enquadramento do espaço/tempo em que os desejos serão realizados. Oferecendo respostas a enigmas da ânsia de saber, a exemplo do esclarecimento sobre a origem do mundo, as ideias religiosas proporcionam alívio para a psique individual, vez que relativos a conflitos da infância, não inteiramente superados, podem ser resolvidos por meio de solução aceita por todos (FREUD, 1927/2014).

Na pandemia o terror da morte- provocado pela presença invisível do vírus, pela virtual dissolução do próprio corpo e intensificado pelo declínio de premissas básicas da ética social-articula-se “com o desamparo primordial e somos confrontados de modo mais ou menos direto, com mais ou menos anteparos, com o trauma do real irrepresentável” (BETTS, 2014, p. 10). Confirmando que, embora possamos usufruir dos bens culturais e de natureza psíquica derivados do processo civilizatório, o sofrer (configurado como situação de vulnerabilidade virtualmente traumática) pode nos sobrevir do próprio corpo, do mundo externo e das relações com os outros seres humanos. E, que o sofrimento advindo dos vínculos que desenvolvemos com as pessoas possa ser o mais doloroso; em função da insuficiência das normas que regulam os relacionamentos humanos, na família, no Estado e na sociedade (FREUD 1930/ 2010).

### **3 VELHICES E VULNERABILIDADES**

Quando, na pandemia, constatamos que os velhos são mais vulneráveis no que diz respeito a letalidade que a Covid-19 pode provocar; que estes, independentemente dessas circunstâncias, podem viver seu desamparo de maneira intensa; em virtude mesmo das castrações que a velhice lhes impõe, nos perguntamos sobre os recursos simbólicos e imaginários que a cultura tem proporcionado para que eles possam conceber modos de viver

que lhes sejam convenientes e, assim, promovido uma sociedade do amparo à velhice. Outrossim, de que modo as maneiras com se têm concebido essa fase da vida - suas fragilidades/vulnerabilidades- delineiam uma posição social para os idosos, vindo a produzir efeitos sobre suas subjetividades.

Para Beauvoir (2018), a velhice é um destino que se apodera de nossas vidas, acontece às pessoas que ficam velhas. Contudo, não é apenas um fato biológico, é também um fato cultural. Em função da multiplicidade de seus aspectos - irredutíveis uns aos outros – de sua pluralidade de experiências e dimensão existencial, não é fácil defini-la ou mesmo encerrá-la em uma noção (BEAUVOIR, 2018). Visto não ser a velhice uma condição biológica que não se possa transpor, sociedades concebem de modo diverso o envelhecer, no que ele se constitui e o momento em que ele acontece na vida dos indivíduos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010).

Evidências, a exemplo da velhice, são erigidas por intermédio de conceitos, que são “construídos historicamente e se inserem ativamente na dinâmica dos valores e das culturas que enunciam algo sobre o seu ser” (BIRMAN, 1997, p. 191). Sendo sempre transitivo, o conceito de velhice sofre transformações em decorrência dos diferentes momentos históricos e de seus condicionantes (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010).

A sua produção é regulada por valores e representações sociais que definem as possibilidades de sua emergência e, simultaneamente, convergem para a elaboração de estratégias que objetivam a inclusão ou exclusão de idosos do campo social. Concepções sobre a velhice, também, se transformam ao longo da existência dos indivíduos, pois são fundadas em opiniões interessadas, condizentes com a fantasia de cada um e marcadas pelas incertezas inerentes à sua inserção no mundo (BIRMAN, 1997).

Durante a passagem do século XVIII para o XIX, sob a égide do evolucionismo, foi possível conceber a existência humana enquanto ciclo biológico constituído por uma sequência de faixas etárias e estabelecer o conceito de degeneração como forma anormal do desenvolvimento nessa ordenação. Nesse contexto, institui-se, o conceito de velhice identificado como um momento de decadência no decurso da vida.

Em complementação, a psicologia do desenvolvimento investiga os processos psíquicos humanos, utilizando intervalos de idade como balizas para o enquadre da estrutura cognitiva e afetiva das individualidades psíquicas, visando demarcar suas incumbências, no trato com os outros e com o mundo. Em contrapartida, no registro filosófico, modificam-se as representações do sujeito humano e da sociedade, que perdem o caráter de absoluto e são compreendidos como históricos.

A inscrição da humanidade nas dimensões do tempo e da história - nos registros biológico, psíquico e filosófico- inseriu-se numa transformação social radical, na qual “a *categoria de vida*<sup>5</sup> passou ocupar um lugar crucial na mentalidade e nos projetos políticos da sociedade moderna” (BIRMAN, 1997, p. 194). As condições de vida da população constituíram-se em preocupação relevante para os governos, em decorrência da compreensão de que a sua qualidade seria a maior riqueza do Estado.

Como o objetivo era alcançar a produção, reprodução e acumulação de riqueza, o caminho encontrado foi à eugenia. Providenciou-se a melhoria das condições sanitárias da população e do espaço social pela intervenção da medicina. A periodização da existência humana exigiu acuidade e aos diferentes períodos etários foram atribuídos valores, tomando por referência a capacidade de produção de riquezas. Nessa circunstância, “a velhice passou

---

<sup>5</sup>Grifo do autor.

ocupar um lugar marginalizado na existência humana, na medida em que a individualidade já teria realizado os seus potenciais evolutivos e perderia então o seu valor social” (BIRMAN, 1997, p. 195). A velhice é considerada incapaz de produzir riquezas e perdia também o seu valor simbólico.

Assim, durante a sucessão destes acontecimentos, no Ocidente, a velhice foi despossada da aura que, na Antiguidade e Idade Média, lhe era atribuída. Os velhos passaram a não mais ocupar o lugar de sabedoria e de ancestralidade que a eles eram conferidos por representarem a memória coletiva. Um lugar que era, simultaneamente, privilegiado e estratégico para subsistência dos grupos nos quais se inseriam. E, que por essa razão idosos assumiam posições importantes na gestão dessas comunidades. Em consequência de tal desapossamento, na modernidade, aos idosos fora conferido valores negativos em função da consideração de sua potencialidade para a produção de riquezas (BIRMAN, 1997; 2015).

No final do século XVIII, a conjunção entre a velhice e a morte, que havia sido estabelecida na Antiguidade, foi redesenhada pela leitura da vida enquanto processo vital com dimensões: ascendente (evolutiva e positiva) e descendente (involutiva e negativa), inscrevendo a velhice num percurso em direção à morte, sem possibilidade de retroação.

No registro moral, a leitura evolucionista buscou delimitar as marcas psíquicas das faculdades cognitivas e afetivas ao longo da existência, identificando a predominância de cada uma nas diferentes fases da vida. Por meio deste empreendimento, foi possível se estabelecer uma proximidade entre a criança e o velho. Uma paridade, visto que na infância havia um predomínio dos processos afetivos em relação aos cognitivos e na velhice haveria um decréscimo acentuado das faculdades cognitivas e uma ascendência dos processos afetivos no campo psíquico (BIRMAN, 2015).

Na velhice, o triunfo da morte sobre a vida seria sinalizado pela involução das faculdades cognitivas e ascendência de faculdades afetivas e dos instintos. Um triunfo que guardava similaridade com outro, qual seja o da natureza sobre a cultura. A inevitável involução biológica que sucederia na velhice moldaria e tornaria evidente a degeneração da vida, ratificando a correspondência entre velhice e morte<sup>6</sup> estabelecida na Antiguidade (BIRMAN, 2015).

As leituras condensadas no evolucionismo convergiram para a constituição do biopoder e da biopolítica<sup>7</sup>. Em consequência, exerceu-se o controle dos processos vitais individuais e coletivos, em função do risco e da periculosidade percebidos a partir do entendimento de que a vida pudesse vir a involuir e degenerar. Regulações que implicavam o planejamento e o futuro da espécie humana, a promoção e prevenção da saúde e a medicalização ativa do espaço social.

---

<sup>6</sup> Há elementos que parecem zombar do controle humano, incluindo-se entre estes o enigma da morte, uma incógnita impossível de se conhecer e para a qual ainda não se encontrou e, certamente, jamais será encontrada uma solução (FREUD, 1927/2014). Em vista disso, para se dá tratamento a esse real que a morte escancara, de tal sorte que seja possível desconhecê-la, tende-se a transformá-la em algo acidental, fortuito, transferindo-a para um futuro incerto - para a velhice. Desta maneira, se produz uma conjugação entre morte e velhice, imputando-se à última um horror que fortalece o medo e sua negação (MUCIDA, 2004).

<sup>7</sup> Os conceitos de Biopoder e Biopolítica desenvolvidos por Michel Foucault, aos quais Birman (2015) faz alusão, referem-se à estatização da vida biologicamente considerada, ao poder sobre a vida que tem como objeto o corpo individual e o corpo-espécie, exercido sobre os indivíduos como parte de uma população compreendida como máquina de produção de riquezas e a racionalização dos problemas que sobrevivem à prática governamental no que diz respeito ao controle da vida da população: a saúde, higiene, natalidade e longevidade (CASTRO, 2009)

A última ocorreu em reciprocidade à concepção de que a riqueza de uma nação seria uma população qualificada. Resultando tal qualificação de um bom nível de educação e de saúde, no século XIX estabeleceu-se a obrigatoriedade da educação, não mais restrita às elites sociais e econômicas, passando-se a investir na infância e na juventude, enquanto idades da vida, que representavam futuro de uma nação. Graças à instituição da clínica e da medicina social, a medicalização do espaço social foi intensificada (BIRMAN, 2015).

Algumas transformações ocorreram no âmbito da família, já que a sua organização foi reduzida em escala de tamanho, mas suas atribuições tornaram-se mais complexas. Às figuras parentais foram debitadas: o investimento social, sanitário e psíquico dos filhos relativos aos interesses da qualificação profissional. No âmbito das modificações, próprias da constituição da sociedade industrial, tem lugar a negativização da figura do velho e da velhice. Destituído de qualquer qualificação para a produção social da riqueza, o idoso foi transformado em peso no seio da família e no campo social. “Nesse “não-lugar” social que representava, ao velho como corpo estranho cabia apenas a expectativa da morte real, para dar materialidade à morte simbólica que já ocorrera” (BIRMAN, 2015, p. 1277), como consequência a velhice também foi considerada negativa. O aumento da longevidade<sup>8</sup> consistiu em condição efetiva para as modificações que, na contemporaneidade, ocorreram nas relações entre a sociedade e a velhice, propiciando nova experiência simbólica da velhice.

Com aumento da população de idosos, a velhice se impôs como problemática singular e passou a ser objeto de preocupações, de atenção e cuidados especiais (BIRMAN, 1997; 2015). O discurso médico da senescência incidiu não apenas sobre a percepção dos sujeitos acerca de si mesmos e de suas experiências, refletindo-se também em outros discursos, no imaginário cultural e na formulação de políticas públicas. O entendimento da velhice como um estado fisiológico específico deu origem a geriatria e a gerontologia, a produção de novos saberes sobre o corpo envelhecido e aspectos sociais da velhice (SILVA, 2008).

Ademais, sobre o processo de envelhecimento teceram-se narrativas e constituíram-se percepções, compreensões que se distanciavam das estabelecidas na emergência da modernidade, que habitando o imaginário social, conferem à figura do velho: silhuetas multifacetadas e a velhice múltiplas perspectivas de ser e de existir. Além disso, registrou-se um deslocamento da velhice do espaço delineado pelas marcas negativas e da obscuridade para a visibilidade social (BIRMAN, 1997; 2015).

Com o anúncio do significante terceira idade<sup>9</sup> para nomear a velhice, engendrou-se uma nova concepção sobre o envelhecimento, modificaram-se as leituras sobre este processo e transformaram-se as relações estabelecidas com a velhice. As narrativas que transmutaram a velhice em terceira idade esboçaram-na como idade marcada pelo desejo e pela potencialização da vida (BIRMAN, 1997; 2015). Os idosos foram convertidos em objeto de iniciativas sociais, culturais e esportivas; alvo de um novo mercado de beleza e de alimentos e do exercício profissional de novos especialistas. A velhice que, antes era relacionada à decadência, passa a ser identificada à arte do bem viver (PEIXOTO, 2007).

---

<sup>8</sup> Condições sociais, políticas e científicas a exemplo do desenvolvimento tecnológico da medicina- tornaram possível o aumento da longevidade no ocidente. O prolongamento da vida e a mudança de valores no âmbito da família – inibindo a renovação populacional- concorreram para modificações importantes na condição social e simbólica da velhice (BIRMAN, 2015).

<sup>9</sup> O conceito de velhice foi substituído pela expressão Terceira Idade em função das exigências das políticas da gestão do envelhecimento. Essa expressão passou a ser utilizada na França em meados do século passado, no âmbito de um movimento de revisão de políticas sociais e de administração da velhice, como tradução de um envelhecimento ativo e independente (PEIXOTO, 2007).

No entanto, narrativas próprias da terceira idade coexistem com leituras evolucionistas que inscreveram a velhice na trajetória da morte e estabeleceram, no registro moral, uma proximidade entre a criança e o velho. Em estudo<sup>10</sup> realizado por Neri (2006), constatou-se a associação da velhice à passividade e improdutividade, à morte e ao declínio irreversível e a doença, ao fantasma que espreeita a todos, independentemente do que se possa ou venha a fazer para conservar a juventude e a aparência. Sendo ela considerada muito ruim, ao ponto do seu enfrentamento ser comparado a uma arte que requer a orientação de especialistas, vive-la bem requer responsabilidade pessoal.

A velhice é “uma fase de declínio, doenças, tristeza, solidão, afastamento social, rejeição e retorno à infância” (NERI, 2006, p. 28). Em contrapartida, pode trazer ganhos como: sabedoria, aceitação, tranquilidade, senso de humor e de realização pessoal, prudência e liberdade. O envelhecimento populacional e a longevidade são percebidos como vitória e, também, risco. Vitória em relação ao desenvolvimento social e aos avanços da ciência, podendo, contudo, acarretar em “grandes riscos econômicos e políticos para as sociedades, tanto as desenvolvidas como as que estão em desenvolvimento” (NERI, 2006, p. 49). O envelhecer bem, compreendido como responsabilidade individual, deve se traduzir em cuidados com a saúde física e mental.

A emergência da Terceira Idade, o sucesso das estratégias desenvolvidas para inscrever afirmativamente a velhice no campo social, delineararam novas modalidades de subjetivações. Sendo assim, reiteraões de marcas negativas e obscuras desta nos parecem suscitadas pelo paradoxo cultural que decorre dos discursos que conferem visibilidade social aos idosos sem que se constitua para eles um lugar de agente social, de pessoa qualificada para ser incluída num mundo de trocas simbólicas. Outorgando-lhes, portanto, a condição de velho capaz apenas de olhar para o passado com mais complacência e menos severidade, mas ainda sem um futuro possível (BIRMAN, 1997, p. 201).

Os registros discursivos, visitados por Neri (2006), que patenteiam as marcas negativas da velhice, muito provavelmente, dizem da castração que a velhice expõe com suas diferentes perdas. Procuram traduzir o furo que ela faz na cultura do novo – dos ditames do seja sempre jovem e da vida sem medos, nas promessas do mercado e da ciência que acenam com um possível encontro com o objeto de desejo. Dessa forma, quanto mais a cultura seja marcada pelo culto ao corpo e manifestações fálicas, mais a velhice se constitui em “palco de sofrimento para aqueles que a contemplam ou vivenciam” (MUCIDA, 2004, p. 70). E, ainda, que cada um responda consoante seus próprios traços, convém a ressalva de que a velhice, demarcada por culturas e épocas diversas, é efeito do discurso e os significantes com os quais se busca nomeá-la exercem influências sobre o velho (MUCIDA, 2004).

Diante dos atuais imperativos culturais, de várias maneiras, o velho defronta-se com o desamparo: em um mundo ávido por novidades sua história não encontra lugar para inscrição ou atualização; teme a perda do amor, tendo vista a sua fragilidade corporal que não o permite responder com beleza, agilidade e força e a sua fala e marcha lentas encontram-se em descompasso com a agilidade característica do mundo atual. Em razão de “quando tudo se torna

---

<sup>10</sup>Neri (2006), em “Atitudes e crenças sobre a velhice: análise de conteúdo de textos do Jornal O Estado de São Paulo publicados entre 1995 e 2002”, registra o levantamento que realizou dos principais traços das atitudes e crenças sobre a velhice, a partir do registro de como ela e os idosos eram retratados nesse jornal. Um dos objetivos da pesquisa era identificar os significados associados à velhice e aos idosos.

obsoleto num tempo mínimo, é o próprio sujeito que está em causa: envelhecer torna-se também obsoleto” (MUCIDA, 2004, p. 80-81).

Nesse sentido, se atravessamos a vida em desamparo, é na velhice que este fazer exerce maneira mais intensa. É nessa fase da vida que o fantasma da finitude mostra sua face por meio de perdas, modificações corporais e fragilização dos recursos simbólicos e laços sociais. Igualando a velhice ao prelúdio de uma morte anunciada, impõe ao velho um trabalho de luto que, diante da perda, equivale a um desinvestimento libidinal do objeto perdido, seja ele real, imaginário ou simbólico. Traduz-se por estados de apatia, tristeza e dor, tornando o mundo pobre e vazio para o enlutado, enquanto trabalho simbólico exige deste a capacidade de metaforizar (MUCIDA, 2004).

De acordo com Mucida (2004)<sup>11</sup>, existem etapas do trabalho de luto, que podem ser observadas no envelhecimento/velhice. A primeira delas, a tomada de consciência da própria perda, assume o caráter de choque - efeito do encontro com o real - e traz a certeza da mortalidade a que nos encontramos submetidos. A denegação<sup>12</sup> seria a segunda delas e, enquanto tal, simultaneamente, confirma a própria perda; insinuando-se alguma coisa da aceitação. A cólera e a revolta - terceira etapa do luto - demonstram o trabalho psíquico em desenvolvimento. A revolta mobilizaria afetos que se combinariam a culpa inconsciente, como alusiva ao Outro, “um retorno sobre si mesmo de sentimentos complexos e cruéis que estão, igualmente, depositados no Outro como portador da morte e [...] da castração com seus limites” (MUCIDA, 2004, p. 153).

A cólera e a revolta exerceriam efeitos sobre a próxima etapa do luto, cujas características são os estados depressivos, regressivos e de autoacusação. Nesta, se estabelece, inconscientemente, uma ligação entre perda e punição, por este motivo é possível observar enlutados acusando-se por não haverem empreendido certas ações para evitar a perda. Dessa maneira, passa a reconsiderar, insistentemente, as suas faltas e, por consequência, se imputa um trabalho, inconsciente, vigoroso que atualiza as perdas anteriores.

Mediante realização desta tarefa árdua, que tem efeitos sobre o próprio corpo, o velho fará uma reconciliação consigo. Sendo assim, será capaz de aceitar o destino que não pode evitar e, ao fazer o luto da imortalidade, se habilita a investir sua libido em novos objetos. Não ocorrendo como previsto, “a depressão é uma resposta possível ao trabalho inoperante do luto, mas não a única, e que deve ser tomada como particular” (MUCIDA, 2004, p. 155).

Birman (1997) delinea formas paradigmáticas de ordenações psíquicas<sup>13</sup> geradas a partir do encontro do velho com a ausência de um futuro possível e na alteração que isso impõe na sua relação com a temporalidade. A depressão, a paranoia e a mania seriam formas de funcionamento psíquicos, de maneiras para lidar e manejar com a sua condição trágica. Sustentar uma existência marcada “pelo impasse e a tragicidade que se colocam para o sujeito quando não se delinea mais qualquer possibilidade de futuro e remanejamento do presente” (BIRMAN 1997, p. 201).

---

<sup>11</sup> Na elaboração de tais asserções Mucida (2004) toma por base os escritos de Kübler-Ross (1975), apud Herfray (1988).

<sup>12</sup> A denegação é meio de todo ser humano tomar conhecimento daquilo que recalca em seu inconsciente ROUDINESCO: PLON (1998, p. 145).

<sup>13</sup> Ordenações psíquicas não devem ser confundidas com quadros clínicos, delineados pela nosografia psiquiátrica da velhice (BIRMAN 1997).

Dessa forma, uma depressão de caráter melancólico pode sobrevir ao idoso quando revisita o seu passado sem possibilidade de retificá-lo, uma vez que o futuro se fecha a inclusão de projetos; na medida em que se apresentam no psiquismo, somente, perdas e faltas da existência, “diante da perda maior que se coloca no social, isso é, na ausência de um lugar social de reconhecimento simbólico” (BIRMAN, 1997, p. 201).

Frente à impossibilidade de empreender uma revisão do passado e projetar o futuro, o velho pode se ordenar num estilo paranoide, marcado por diversas formas de ressentimento. Atribuir os seus fracassos a outras pessoas, especialmente as que lhe são próximas. Por meio da paranoia, “o velho buscava acusar ativamente os outros pela sua destituição simbólica e derrocada funcional, colocando-se na posição subjetiva de vítima do mundo” (BIRMAN, 2015, p. 1279).

Na mania, o idoso esquiva-se a admitir a passagem do tempo, a inexistência de futuro e a sua condição de perda simbólica, passando a funcionar como se fosse jovem. Dessa maneira, “pelo travestismo juvenil o velho empreende uma ativa recusa psíquica da sua posição social que lhe é conferida” (BIRMAN, 1997, p. 201).

#### **4 VELHICE E PANDEMIA**

A junção velhice e pandemia suscita considerar um cenário em cuja tessitura se conjuga as vicissitudes impostas a todos pelo contexto pandêmico, em especial o sofrimento psíquico ocasionado pelo seu estabelecimento, àquelas que sobrevivem aos que são velhos, em função de se encontrar nessa fase da vida, acrescidas das relativas ao enfrentamento do alto risco de letalidade pela Covid-19. E, atentar para a inclusão, nessa conjugação, do lugar que a cultura lhes atribuiu enquanto candidatos, em potencial, a encontrar a morte.

Para Birman (2020), “a experiência psíquica do sujeito na pandemia é caracterizada primordialmente pelo trauma [...] resultante do impacto violento da angústia real” (BIRMAN, 2020, p. 139) em decorrência da afetação pela surpresa causada pelo acontecimento inesperado, em função da não realização da antecipação do perigo e do agenciamento das defesas psíquicas pela transformação do indizível em dizível.

Nesse cenário, a angústia frente à situação traumática consubstancia o desamparo e, como consequência dessa infraestrutura traumática se ordenam formações sintomáticas, que, enquanto destinos do trauma e da angústia no psiquismo, delineiam “produções psíquicas no registro da superestrutura, isto é, no registro patente e simbólico dos sintomas, assim como da dizibilidade possível” (BIRMAN, 2020, p. 140).

Para melhor compreensão do sofrimento psíquico observado em decorrência da experiência vivenciada na pandemia da Covid-19, Birman (2020) esboça uma cartografia das formações sintomáticas. E, inicia a sua descrição pela neurose de angústia, denominada pelo discurso psiquiátrico como síndrome do pânico; cujo cerne é a angústia enquanto sinal manifesto do impacto traumático sobre o sujeito, que fica acossado em seu desamparo originário. Nessa experiência psíquica, o que se encontra em foco é o terror da morte iminente, o corpo é tomado pela certeza de que essa se aproxima e se impõe.

Nos sintomas hipocondríacos, o que se coloca em pauta é a atenção às variações das intensidades corporais, que em condições comuns da vida seriam interpretadas como signo de normalidade mas passam a ser lidas como sinal do patológico e anormal. Assim, “qualquer

indício físico [...] é interpretado como evidência cabal de que a Covid-19 finalmente aconteceu, como uma crônica de morte anunciada que foi tão temida como paradoxalmente desejada” (BIRMAN, 2020, p. 141).

Outra formação sintomática relacionada foi a depressão, que se instalava como consequência direta do confinamento, do distanciamento social e do isolamento físico, na ausência, relativa ou absoluta, dos processos de interação social. O incremento de rituais obsessivo-compulsivos, por meio do exercício, de modo exacerbado, das normas sanitárias cotidianas, também foi assinalado. Neste contexto sintomático, observou-se, inclusive, a busca frenética do espaço virtual (participação de festas online, palestras, cursos e *live*, etc.) e do aumento significativo na compra de animais domésticos. A presença destes animais teria a função de suprir os afagos que eram, antes, proporcionados pelas redes afetivas (BIRMAN, 2020).

Como formação sintomática, o autor também lista as práticas e tratamentos de cuidado de si, a exemplo da ingestão regular de drogas lícitas e ilícitas, como estratégias de aplacar as dores e o sofrimento psíquico decorrentes de outras formações somáticas. No que se refere ao vício, sublinha o comer excessivamente, que tem como consequência física à obesidade.

As práticas de agressão e violência, no âmbito da família, foram destacadas como formação sintomática decorrente da impotência psíquica frente à vulnerabilidade experienciada. “Uma parcela relevante da população masculina passou a agredir e a violentar a companheira, assim como filhos, com palavras e atos, a fim de se acreditar, ilusoriamente, forte e poderoso diante deles” (BIRMAN, 2020, p. 144). Além disso, crianças também ficaram mais turbulentas, angustiadas e principalmente agressivas com a suspensão das atividades escolares presenciais e as restrições de interação social com colegas e amigos.

O elevado número de mortes provocadas pela Covid-19 e a preocupação com a contaminação virótica tiveram como desdobramento a realização de enterros sem o ato efetivo dos ritos funerários e, em várias situações, com a adoção de práticas eticamente deploráveis. Para a psicanálise, os ritos funerários funcionam como operadores do trabalho de luto. E, ainda que não sejam suficientes para a sua realização, constituem-se em condição necessárias para a efetivação deste. O conjunto dos efeitos psíquicos devido a impossibilidade de realização do trabalho de luto, figuram como a sétima e última das formações sintomáticas delineadas por Birman (2020).

A Cartografia sintomática esboçada pelo autor, enquanto desenho das soluções encontradas para suportar o real, nos proporciona vislumbrar contornos do mal-estar produzido pelo impacto de forças da natureza, expressas na existência de um vírus mortal entre nós. Vírus que, invisível e sorrateiro, se mostrou capaz de não apenas contaminar nossos corpos e levá-los a dissolução, mas também de fazer oscilar a ordenação social e econômica resultante do esforço civilizatório.

Nessas condições, o sofrimento psíquico vivenciado pelos velhos, decerto se incluem nas formações sintomáticas já enumeradas. Entretanto, Birman (2020) salienta os efeitos psíquicos da depressão severa e da melancolia na população idosa que vive sozinha, isolada, ou mesmo acompanhadas apenas de seu parceiro. Muitos se sentem abandonados, privados que são da convivência dos filhos, dos netos, de seus abraços e beijos. Outros se autoabandonam, deixando inclusive de realizar atividades inerentes aos hábitos de higiene e alimentação, “nesse processo marcado pela dor lancinante e pelo sofrimento pungente [...] por vezes são conduzidos inevitavelmente ao suicídio, em condições existenciais limites” (BIRMAN, 2020, p. 142).

Em publicação da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), afirma-se que o risco de suicídio na população idosa é duas a três vezes maior, ainda que este seja, frequentemente, subnotificado. Reitera-se que na pandemia o sofrimento psíquico é potencializado, a vulnerabilidade emocional pode levar ao desencadeamento de estados depressivos ou mesmo da depressão, podendo sobrevir, como resultante desta, a ideação suicida, a tentativa de suicídio ou o suicídio propriamente dito. Além disso, faz-se menção a estudo que aponta aumento de suicídio entre idosos sob o impacto de doenças respiratórias, motivados pelo medo de vir a contrair a doença e de se tornar um fardo para os familiares (FIOCRUZ, 2020).

Entre nós, os velhos temiam o isolamento hospitalar, expressavam o receio de serem levados ao hospital ao contrair a Covid-19, uma vez que acreditavam não suportar ficar sem o direito de ver os seus familiares. Além disso, manifestavam o medo de morrer sem ter alguém que fosse depositário de seus afetos ao seu lado e solicitavam que não os deixassem ser sepultados sem o ritual que reconheciam ser necessário, sem a dignidade que socialmente é atribuída aos mortos.

Não há dúvidas sobre a pandemia do Covid-19 nos haver recolocado, intensamente, perante o desafio de viver em civilização. Em seu curso, a despeito do desenvolvimento das mais diferentes ações solidárias, fomos confrontados com o que considerávamos impossível (ZIZEK, 2020), com certos modos de agir que produziram em nós estranhamentos e nos levaram a experimentar o doloroso sofrimento advindo das relações com os outros seres humanos.

Nesse cenário, nos impactamos com a maneira como indivíduos que exercem função de poder tem se dirigido à população, visto que estes, muitas vezes visando transmitir confiança, fazem previsões ameaçadoras. E, veiculam a mensagem de “que teremos de abrir mão da premissa básica de nossa ética social: o cuidado com os fracos e idosos” (ZIZEK, 2020, p.89). Configurando, assim, a lógica de “sobrevivência do mais apto”, que fere, inclusive, o princípio básico da ética militar. Uma vez que a mesma prevê que, após uma batalha, não se deve abandonar os feridos graves, ainda que a chance de sobrevivência deles seja mínima (ZIZEK, 2020).

O autor faz referência explícita ao caso da Itália: quando o país anunciou que se a situação se agravasse pessoas maiores de 80 anos ou portadoras de doenças graves seriam simplesmente abandonadas para morrer. Todavia, o imperativo da lógica de sobrevivência do mais apto, não se fez exercer apenas neste país. Em março de 2020, circularam denúncias relativas à falhas do governo sueco em proteger idosos asilados, na pandemia. Nelas, se registrava que estes velhos não haviam recebido os cuidados necessários para sobreviver à Covid-19, inclusive não lhes fora disponibilizado oxigênio, apesar do mesmo ser preconizado como parte do tratamento paliativo, no país (VILA-NOVA, 2020).

Segundo Di Lascio (2020), cenas de horror, condizentes com a necropolítica dos campos de concentração, foram registradas nos Estados Unidos. Nelas, figuravam mortes de idosos institucionalizados, cujos cadáveres eram acondicionados em sacos plásticos, empilhados e sepultados em valas comuns. Além disso, também naquele país, o vice governador do Texas, defendera que “os idosos deveriam ser sacrificados para que os netos pudessem trabalhar” (DI LASCIO, 2020, p.33). No Brasil, o isolamento social, nos moldes que fora indicado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e adotado pelos países mais afetados pela pandemia, foi

contestado por autoridades governamentais que defendiam o isolamento vertical<sup>14</sup>. Um modelo que, se adotado, tornaria muito difícil manter os idosos que não moravam sozinhos “longe” do risco de contrair o vírus. (DI LASCIO, 2020).

Para Tavares (2021), nas crises, a exemplo da que nos sobreveio como efeito da pandemia da Covid-19, observar-se ondas de compaixão e empatia, mas também de insensibilidade, intolerância e mesquinha. Nesse sentido, as práticas de exclusão de velhos, anunciadas e ou colocadas em prática, em diferentes países, apesar de causar espanto, podem ser reconhecidas como parte desta dinâmica. Enquanto manifestações da insuficiência das normas que regulam os relacionamentos humanos, concorrem para desagregação dos laços sociais, por meio dos quais procuramos fazer frente a nossa condição de desamparo. No Brasil, uma das maneiras pelas quais se marcou o lugar social do velho, nesse contexto, foi a emergência do preconceito etário que, sempre presente em nossa cultura, manifestou-se, em profusão, ocupando espaço significativo em diferentes esferas. Obrigando o idoso à defrontar-se com sua condição de vulnerabilidade, com o sofrer que sobrevém das relações com os outros seres humanos.

Ao ocorrer nos mais diferentes espaços, essas práticas ageístas constituem-se a partir da conjugação de maior vulnerabilidade e menor poder político dos velhos, em relação aos mais jovens. Tendo por base estereótipos negativos de sua saúde e de seu modo de se conduzir, desvalorizam suas vidas e retroalimentam o preconceito (SILVA, 2021). Enquanto expressões de insensibilidade direcionadas aos velhos, intentam transformá-los numa massa sem rosto, a despeito deles fazerem parte de redes de afetos, enquanto pais, avós, amigos e colegas de trabalho (TAVARES, 2021). Segundo Silva (2021), tais expressões de insensibilidade dizem do modo como, nas sociedades capitalistas, são preteridos os indivíduos identificados como não interessantes para o processo produtivo e, de como, nessa condição, reivindicar o direito à sobrevivência pode ser motivo para repúdio social.

Por meio de práticas ageístas, que associavam a velhice à doença e à incapacidade, deixou-se implícito que a vida do velho era algo que poderia ser descartado. Dessa forma, a legitimação de sua morte decorreria do pressuposto de que já era mesmo esperada e, se presumível, poderia também ser encarada como referente à sua natureza. Com base nesse raciocínio, se pode minimizar o perigo da Covid-19, visto que esta oferecia maior risco àqueles cujas vidas eram menos valiosas.

Houve também o sentir alívio, uma vez que a mortalidade acometia muito mais os velhos. Desse modo, pode-se minimizar a convivência com o vírus, uma vez que a doença seria grave apenas para idosos, tanto que não houve nenhum pudor em se afirmar que a economia não poderia parar por causa da alguns milhares de morte (CASTRO, 2020; SILVA, 2021). Outrossim, veicular, por meio das redes sociais, *falas*<sup>15</sup> que defendem priorizar os jovens em

---

<sup>14</sup> No *isolamento vertical*, este seria restrito ao grupo de pessoas mais vulneráveis ao novo coronavírus. Os considerados não vulneráveis poderiam “voltar” aos estudos e ao trabalho. Apostava-se que estes indivíduos, ao saírem de casa, invariavelmente, se infectariam e sem que viessem a ter consequências graves, adquiriam imunidade, ficando protegidos. A ideia era permitir um contágio controlado e ao mesmo tempo fazer a economia girar. No entanto, uma dificuldade em se isolar apenas algumas pessoas era a de que os *não isolados*, em suas incursões, entrando em contato com o vírus, ao voltarem para casa poderiam infectar os que se encontravam *isolados*. Dificuldade encontrada, por exemplo, ao se isolar idosos que moravam com filhos e netos (BIERNATH, 2020).

<sup>15</sup> No debate do projeto de lei que cria o Dia Nacional de Combate ao Idadismo, realizado em 05 de abril de 2021, na Comissão dos Direitos da Pessoa Idosa da Câmara dos Deputados, especialistas alertaram para o aumento do preconceito contra idosos na pandemia e o Secretário Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa registrou falas que expressam o idadismo.

detrimento dos velhos, no tratamento da Covid-19 (FERREIRA, 2021). Nas redes sociais, podiam-se encontrar comentários, tais como: eram velhos, já iam morrer; estão ocupando espaço nos hospitais que deveriam ser destinados à salvação dos jovens (TAVARES, 2021).

O incremento desse tipo de violência, expressa no preconceito, decorre “do fato de se subtrair do indivíduo sua singularidade” (HERZOG, 2019, p. 274); a exemplo do racismo que designa quem deve ser eliminado por não valer a pena, por não ser ninguém. O preconceito origina-se no âmbito de um conflito entre forças antagônicas e envolve um processo que, lhe tendo como ponto de partida, redundando em intolerância (HERZOG, 2019). Para a autora, o “indivíduo tem de si próprio uma imagem<sup>16</sup> unificada que lhe confere uma identidade” (HERZOG, 2019, p. 275). Com a constituição dessa identidade o que se apresenta como diferente dela é vivido como uma ameaça à sua integridade. É a partir da necessidade de se buscar expulsar de si tudo que possa vir a manchar essa imagem unificada que nasce o preconceito.

Segundo Freud (1921/2021), é possível identificarmos nas antipatias e repulsões, que não se consegue dissimular em relação aos que se apresentam como estranhos, “um narcisismo que se empenha na afirmação de si” (FREUD, 1921/2011, p. 57). Essa expressão de um amor a si próprio ocorreria em função de se reconhecer, nos desvios que provocam estranheza, uma contraposição à individualidade e uma imposição à sua modificação (FREUD, 1921/2011). Configurando-se como oposição ao reconhecimento da diferença, ao narcisismo, suposto amor a si mesmo, qualquer desvio trazido pelo outro afronta; qualquer divergência o faz entrar em guerra (REINO; ENDO, 2011).

“É justamente nas pequenas diferenças entre os indivíduos, a despeito da semelhança em todo o resto, que se fundamentam os sentimentos de estranheza e hostilidade entre eles” (HERZOG, 2019, p. 276). Nessa direção, nas relações do indivíduo com o seu semelhante, o narcisismo das pequenas diferenças vai ter como função preservar a unidade do Eu<sup>17</sup>. O uso da violência, expressa no preconceito, para resolver os impasses da vida social, tais como o incremento do ódio e a impossibilidade de ouvir e de suportar o outro, dá legitimidade à intolerância. Logo, o preconceito e a intolerância constituem o solo do “imperialismo da violência”<sup>18</sup> que se faz presente na sociedade atual (HERZOG, 2019).

A existência da violência social, nas dimensões de subtração da singularidade do outro, do preconceito e da intolerância, remete às considerações de Freud (1930/2010) sobre o quanto seria difícil viver em sociedade, dos impasses da convivência com o outro, do quanto é penoso reconhecer a sua diferença, apesar deste ser imprescindível para a constituição do próprio sujeito. Certamente, experimentamos o sofrimento que se origina dessas relações como o mais doloroso, porque o consideramos um sofrer supérfluo e do qual poderíamos nos esquivar, “ainda que possa ser tão fatidicamente inevitável quanto o sofrimento de outra origem” (FREUD, 1930/2010, p. 31), a exemplo do ocasionado pelas ameaças ao próprio corpo e pelas ações de forças da natureza, inexoráveis e destruidoras.

Para Herzog (2019), Freud não justifica a violência social como decorrente dessa tendência humana à agressividade, mas a identifica como um problema social. Como pensador

<sup>16</sup> Uma imagem que adquire de si mesmo segundo o modelo do outro e cuja captação amorosa, foi designada de narcisismo (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016).

<sup>17</sup> Herzog (2019), faz essas afirmações, apoiada na noção de *narcisismo das pequenas diferenças*, cunhado por Freud (1918), em *O Tabu da virgindade*.

<sup>18</sup> Expressão colocada entre aspas pela autora.

da cultura, “não desvincula o sofrimento psíquico vivido pelo indivíduo do contexto em que ele tem lugar” (HERZOG, 2019, p. 274), pois não havia como se restringir a tecer considerações sobre os problemas individuais descolados do social, uma vez que o sujeito se constitui na relação com o outro e não é uma mônada fechada.

Segundo Reino e Endo (2011), Freud deixando-se seduzir pela ideia do Tabu de isolamento pessoal<sup>19</sup> deriva dela o narcisismo das pequenas diferenças e aposta na possibilidade deste vir ser a chave para o entendimento de uma hostilidade inerente e constante nos vínculos humanos, com exceção da relação mãe-filho. Hostilidade que se opõe à solidariedade e impossibilita o mandamento cristão de *amar o próximo como a ti mesmo* (REINO; ENDO, 2011). Que, inerente às dificuldades do homem ser feliz, no interior da cultura, diz respeito a dupla renúncia a que ele se encontra submetido: sacrifícios à sexualidade e ao pendor destrutivo. Todavia, se para fazer parte da sociedade do amparo o preço é a renúncia às pulsões, também, no interior desta, há lugares salvaguardados, nos quais se podem destilar essas pulsões. Onde é possível uma realização, ainda que distorcida, de tais tentações destrutivas. O narcisismo das pequenas diferenças<sup>20</sup> seria deles; um “modo de satisfação ‘cômoda e relativamente inócua’ da destrutividade” (REINO; ENDO, 2011, p. 23), que, ao facilitar a coesão entre os membros de uma determinada comunidade, promoveria a exclusão e rejeição do outro, a quem a pulsão destrutiva se destina.

Se na pandemia da Covid-19 todos poderiam contrair o vírus e vir a falecer, a diferença que se fazia notar em relação aos velhos era o maior risco de letalidade, subtraindo-se a singularidade de cada um deles, atribuindo-lhes o lugar de candidatos à morte, foi possível colocá-los em oposição aos que deveriam sobreviver. Sendo assim, os candidatos à vida, pela necessidade de afastar de si a encarnação da morte, expulsar de si tudo que pudesse estar em desacordo com a sua imagem de sobrevivente, permitiram-se endereçar aos velhos seu modo de satisfação da destrutividade, além de, expressar que eles, uma vez infectados pelo vírus, poderiam continuar perseguindo a meta final da vida, sem que nada se fizesse para dificultar e ou postergar o alcance desta.

O humor também foi utilizado na destilação da destrutividade direcionada aos velhos. Segundo Goldenberg (2021), usado para escancarar o que se encontrava velado. Para a autora, “a velhofobia<sup>21</sup> está se legitimando como discurso, se alastrando pela internet com memes que dizem que velho é teimoso, que velho atrapalha” (GOLDENBERG, 2021, p.1). Circulando em várias versões, o cata velho, a reserva de vagas para idosos e a gaiola para idoso teimoso retratam idosos em situações que têm como pano de fundo às recomendações de isolamento social. Dessa forma, valendo-se de um estereótipo negativo dos que retratam, manifestam-se como simulacro do discurso que os velhos se servem para defender a sua autonomia (BRUNELLI, 2020).

Nas várias traduções do cata velho<sup>22</sup>, o efeito de humor provém da maneira insólita de retirá-los da rua, em alguma das versões se produz uma analogia entre a prática retratada e a da carrocinha, utilizada para recolher animais domésticos que se encontram na rua. A sugestão de

<sup>19</sup> Reino e Endo (2011), identificam a invenção da noção *narcisismo das pequenas diferenças* no texto freudiano O tabu da virgindade (1918). Neste, Freud faz referência a expressão um “taboo of personal isolation”, utilizada por Crawley, em 1902, para se referir ao afastamento de cada um dos indivíduos dos demais (REINO; ENDO, 2011).

<sup>20</sup> “Na quinta parte do *Mal-estar*, Freud aponta para dois desses lugares: a *propriedade privada* e o *narcisismo das pequenas diferenças*” (REINO; ENDO, 2011, p. 23).

<sup>21</sup> Goldenberg (2021) prefere nomear de velhofobia, o preconceito etário que outros autores denominam de ageísmo ou idadismo.

<sup>22</sup>Cf. Anexo A, Figural e 2.

enclausuramento, certamente é para permitir inferir a intensidade da teimosia dos velhos. Na reserva de vagas para idosos<sup>23</sup>, a cena montada é de um estacionamento público onde se observa uma substituição da palavra idoso e/ou da pictografia criada para representá-lo pela palavra teimoso. O teimoso não se prestaria apenas para identificar as vagas, mas, também, para adjetivar os seus prováveis ocupantes (BRUNELLI, 2020).

A ideia subjacente aos memes, certamente, era a de que não havendo como convencer os velhos a acatar as determinações de se manterem em casa, isolados, se fazia necessária a adoção de uma medida mais radical. A gaiola para idoso teimoso<sup>24</sup> sugere o expediente arquitetado para tal medida. A solução como expressa, representada por uma velha presa em uma gaiola, por sua radicalidade e singularidade, se prestava a desencadear efeitos de humor. Como nos casos do cata velho e da reserva de vagas para idosos, este meme também imputa um alto grau de teimosia aos idosos, haja vista que só essa intensidade de resistência poderia justificar um recurso tão pouco ortodoxo (BRUNELLI, 2020).

Para Homem (2021), memificar o outro é revelar o que este tem de ridículo, expor o frágil de sua verdade. O meme faz parte da guerra cultural, enquanto *um rir sobre o outro* constitui-se em estratégia para destituí-lo de um determinado lugar; assim, um riso de superioridade que compõe uma comédia fálica em que o maior rir do menor.

Uma pessoa ao colocar-se humoristicamente em relação a outras, se comporta diante destas como um adulto em relação à criança, porquanto reconheça e ria da banalidade dos seus interesses e das aflições que lhe parecem ser grandes. A superioridade do humorista seria obtida por se colocar na função de adulto e de alguma maneira identificar-se com o pai, reduzindo os outros a condição de crianças (FREUD, 1927/2010). Os memes aos quais se refere Goldenberg (2021), dos quais os relatados são uma pequena amostra, ao conferir tratamento degradante ao idoso contribuem para a sua depreciação e reprodução da imagem do velho isolado. Dizem de um valor cultural e da prática, já instituída, de excluí-los socialmente (BRUNELLI, 2020).

A “postura humorística- não importando em que ela consista - pode ser dirigida para própria a pessoa ou para outras; é de supor que traga um ganho de prazer de quem a adota; o espectador não participante tem um ganho de prazer semelhante” (FREUD, 1927/2010, p. 323-324). Como o chiste, o humor possui algo de liberador e de comicidade. No entanto, para além dessas características, possui algo, denominado por Freud (1927/2010), de grandioso exaltante. Uma característica absolutamente essencial, um traço que se encontra “no triunfo do narcisismo, na vitoriosa afirmação da invulnerabilidade do Eu” (FREUD, 1927/2010, p.325).

O Eu recusaria a inquietar-se por incidentes que ocorrem na realidade, a sofrer e a admitir ser atingido por abalos ou perturbações do mundo externo, deixando evidente que essas aflições podem ser meramente possibilidades para lograr prazer. Qualquer avaliação da realidade é contrária ao humor, que não é resignado mas rebelde, que não exprime apenas o triunfo do Eu, mas também do princípio do prazer e por meio deste se impõe, apesar das adversidades da realidade. Com a recusa aos imperativos da realidade e a imposição do princípio do prazer, o humor, aproxima-se dos processos regressivos. E, rejeitando as possibilidades de sofrimento, inclui-se nos métodos desenvolvidos pela psique humana para livrar-se das ameaças do sofrer (FREUD, 1927/2010).

Ainda que a postura humorística – enquanto afirmação de invulnerabilidade do Eu e de sua recusa a inquietar-se com as adversidades próprias da realidade – traga ao humorista e aos

---

<sup>23</sup>Cf. Anexo A, Figura 3.

<sup>24</sup>Cf. Anexo A, Figura 4.

seus expectadores um ganho de prazer, na guerra cultural do contexto pandêmico, ao tomar o velho como seu objeto, desconhece a singularidade do que ele experimenta e o reduz à condição de criança teimosa, o que se constitui, outrossim, como estratégia de destituição de sua autonomia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pandemia Covid-19, especialmente no seu início, o sofrer sobreveio aos indivíduos como consequência do avanço da doença que, amplamente disseminada e de alto nível de contágio, ameaçava os seus corpos pela possibilidade de levá-los à dissolução. Aos velhos, para além da angústia de se incluir entre os mais vulneráveis, no conjunto daqueles em que se observava alto risco de letalidade pela Covid-19, adveio, também, como efeito das relações com outros, como consequência da insuficiência das normas elaboradas para regulamentar as relações entre os indivíduos. Determinações que se revelaram ineficazes para garantir que os idosos se sentissem na presença de um Estado provedor, capaz de preservar os direitos que já lhes havia sido asseguradas, inclusive no plano internacional.

No curso da pandemia, verificaram-se esforços envidados no sentido de barrar o avanço do vírus transmissor e de minimizar os efeitos decorrentes da doença. E, como consequência destes, conhecimentos foram consolidados e novos produzidos, fazendo avançar a ciência. Mas, concomitantemente a esse avanço e ao desenvolvimento de diversas campanhas de solidariedade, também foram observadas práticas discursivas que se contrapunham à própria civilização; que tanto veiculavam desinformação como desafiavam as normas estabelecidas para definir os contornos de possibilidade da satisfação pulsional.

Na análise das condições nas quais o desamparo vem se estabelecer para o velho, num mundo em pandemia, apoiados na formulação de narcisismo das pequenas diferenças, foi possível pensar sobre o que reconhecíamos como esgarçamento das normas estabelecidas. Elaborar hipóteses sobre o porquê de não haver sido registradas demonstrações de indignação frente às manifestações de preconceito endereçadas aos velhos e aos discursos de humor que os tomou como objeto, na mesma proporção em que estes se fizeram/incidiram/circularam. Presumir que estas práticas podem ter sido expressões de uma espécie de comunidade ensejada por uma coesão estabelecida entre os que se identificavam como destinados à sobrevivência à Covid-19. Desse modo, enquanto integrantes de uma virtual comunidade de sobreviventes, poderiam rejeitar os destinados à morte. A hostilidade em relação a estes decorria da necessidade de afastar de si tudo que pudesse vir a evocar um fim iminente, uma vez que identificavam a si mesmo como destinados a prosseguir vivos.

Outrossim, compreender que os discursos de humor - por meio dos quais se visou destituir o velho do lugar de indivíduo autônomo, se pode rir de suas aflições e de seus investimentos para garantir a sua autonomia - constituíam-se em recurso utilizado para obter um ganho de prazer; como uma recusa a inquietar-se com os acontecimentos da realidade circundante, como uma afirmação da invulnerabilidade do Eu. Constatar que essas práticas discursivas podem se imiscuir, nas relações sociais, como um modo de satisfação cômodo e, relativamente, inócuo de destilação da agressividade. Revela-se, portanto, um déficit da civilização erigida para fazer frente à nossa condição de desamparo; indicando que se pode concluir que o Estatuto do Idoso é uma das ferramentas da cultura para inibir a agressividade dos homens; no caso específico, contra os que estão velhos.

Verificar que, no encontro das circunstâncias que favoreceram a dilatação das normas que regulamentam as relações entre os indivíduos e oportunizaram expressões de agressividade na relação com os velhos, sobressai o lugar social que é atribuído pela própria cultura aos que se encontram na velhice. Atribuição sempre atrelada aos interesses dos grupos, aos valores no interior dos quais eles se encontram. Tanto que, sendo demarcada pela cultura, a velhice pôde ser reconhecida como sabedoria e ancestralidade; marginalizada, por se entender que o velho já havia realizado os seus potenciais evolutivos e, nessa condição, era incapaz de produzir riquezas; ser transformada em peso social e familiar; nomeada pela expressão Terceira Idade, em função das exigências impostas pela gestão do envelhecimento, de interesses do capital e, assim, transmutada em idade marcada pelo desejo e pela potencialização da vida. Nessa atribuição de lugares atrelada a interesses, quando se instala a pandemia e se configura a lógica de sobrevivência do mais apto, se admitiu abandonar os velhos à própria sorte, abandoná-los para morrer.

A análise de condições nas quais o desamparo veio se estabelecer para o velho, no mundo em pandemia, permitiu compreender nuances da guerra cultural que se instalou pela necessidade que se sentiu de afastar de si signos da morte; o funcionamento dos discursos de humor que visaram destituir o velho de sua autonomia e identificar o favorecimento do lugar social do idoso na dilatação das normas que oportunizaram expressões de agressividade na relação com o velho. Além disso, nos instigou a buscar compreender os efeitos que causam neles, os discursos de humor que os tomam como objeto e pensar sobre os meios pelos quais se busca aperfeiçoar as ferramentas da cultura que visam dar contorno as satisfações pulsionais.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Prefácio: A velhice do(n)o Nordeste. In: AGRA DO Ó, Alarcon. **Velhices Imaginadas: memória e envelhecimento no Brasil (1935, 1937,1945)**. Campina Grande: EDUFCG, 2010, p.9-14.

AMORIM, Anibal Coelho de. A pandemia, territórios vulnerabilizados, pessoas em sofrimento psíquico e o “novo normal”. In: GULJOR, Ana Paula, et al (Org.). **O enfrentamento do sofrimento psíquico na Pandemia: diálogos sobre o acolhimento e a saúde mental em territórios vulnerabilizados**. Rio de Janeiro: Ideia SUS/ Fiocruz, 2020, p.15-18. Disponível em: <http://www.ideiasus.fiocruz.br/portal/publicacoes-ideiasus/livros/269-o-enfrentamento-do-sofrimento-psiquico-na-pandemia-dialogos-sobre-o-acolhimento-e-a-saude-mental-em-territorios-vulnerabilizados>. Acesso em: 12 dez. 2020.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BETTS, Jaime. Desamparo e Vulnerabilidades no laço social- a função do Psicanalista. In: Desamparo e vulnerabilidades. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre / Instituto APPOAN. 45-46, jul.2013/jun.2014. Disponível em: [http://www.apboa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista\\_45\\_46.pdf](http://www.apboa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista_45_46.pdf). Acesso em: 10 ago. 2021.

BIERNATH, André. O que é isolamento vertical (e por que essa não é uma boa ideia)? In: **Veja SAÚDE**, 18 de ago. 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/o-que-e-isolamento-vertical/>. Acesso em: 14 nov. 2021.

BIRMAN, Joel. O futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade. In: \_\_\_\_\_. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 191- 209.

\_\_\_\_\_. Terceira idade, subjetivação e biopolítica. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.22, n.4, out-dez. 2015, p. 1267-1282.

\_\_\_\_\_. **O trauma na pandemia do Coronavírus**: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas. Rio de Janeiro: Olypio. 2020.

BRUNELLI, Anna Flora. Memes de pessoas idosas no contexto da pandemia de Covid-19: estereótipos e simulacros. In: **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista: v. 18, n. 3 set-nov. de 2020, p. 73-89. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/7946>. Acesso em: 13 mai. 2021.

CASTRO, Beatriz Rodrigues. A expressão do idadismo em tempos de COVID-19: Uma reflexão teórica. In: **Revista Kairós-Gerontologia**. São Paulo: FACHS/NEPE/PUC-SP, v.23, n.28, set.2020, p. 479-497. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/51568>. Acesso em: 25 mar. 2021.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pro seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DAÓLIO, Marly Alves. **O percurso do descentramento do sujeito do inconsciente na teoria freudiana, o desamparo e a revisão ética que o acompanha**. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2006.

DI LASCIO, Maria do Carmo Guido. A necropolítica e os idosos em tempos de COVID-19. In: **Rev. Longeviver**. São Paulo, Ano II, n. 7, Jul/Ago/Set, 2020, p. 32-34. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/845/905>. Acesso em: 26 fev. 2021.

DUNKER, Cristian Ingo Lenz. Prefácio à edição brasileira. In: ZIZEK, Slavoj. **Pandemia: covid -19 e a reinvenção do comunismo**. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 7-17.

ELIAS, Nobert. **A solidão dos moribundos seguido de “Envelhecer e morrer”**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Cláudio. Preconceito contra idosos aumenta na pandemia. **Agência Câmara de Notícias**. Câmara dos Deputados. Brasília, 05 abr.2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/742570-preconceito-contra-idosos-aumenta-na-pandemia/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

FREUD, Sigmund (1915). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In: **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010; p. 209- 246.

\_\_\_\_\_. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In: **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011; p. 13- 113.

\_\_\_\_\_. (1927). O futuro de uma ilusão. In: \_\_\_\_\_. **Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, v.17, p. 231-301.

\_\_\_\_\_. (1927) Humor. In: \_\_\_\_\_. **Obras completas: Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v.17, p. 322- 330.

\_\_\_\_\_. (1930). O mal-estar na civilização [1930]. In: \_\_\_\_\_. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v.18, p. 13-122.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19**. Suicídio na Pandemia Covid-19. Fiocruz Brasília. 2020. Disponível em: [https://www.fiocruzbrasil.com.br/wp-content/uploads/2020/05/cartilha\\_prevencaosuicidio.pdf](https://www.fiocruzbrasil.com.br/wp-content/uploads/2020/05/cartilha_prevencaosuicidio.pdf). Acesso em: 15 nov. 2021.

GOLDENBERG, Mirian. A velhofobia se escancarou e saiu do armário. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, p.6, 01out. 2021. Entrevista concedida a Jairo Marques. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/10/a-velhofobia-se-escancarou-e-saiu-do-armario-diz-antropologa-mirian-goldenberg.shtml>. Acesso em: 01 out. 2021.

HERZOG, Regina. **Do preconceito à intolerância**: quando se rouba a humanidade do outro. In: *Ágora* (Rio de Janeiro) v. XXII n3 setembro/dezembro 2019 273-279. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/yYqK4LFjY9qSvRWFQbZZdtd/?lang=pt>. Acesso em: 09 out. 2021.

HOMEM, Maria. Meme? **Youtube**, 13 de ago. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ti8-kvF3AT8>. Acesso em: 16 de agosto de 2021.

KOLTAI, Caterina. O desejo do psicanalista face ao desamparo contemporâneo. In: **Rev. Assoc. Psicanal.** Porto Alegre, n.45-46, p. 20- 31, jul.2013/jun.2014.

LAPLANCHE, Jean, PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes – Selo Martins, 2016.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece**: psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NERI, Ana Liberalesso. Atitudes e crenças sobre a velhice: análise de conteúdo de textos do *Jornal O Estado de São Paulo* publicados entre 1995 e 2002. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; \_\_\_\_\_. CACHIONI, Meire (orgs). **As múltiplas faces da velhice**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006, p.13-54.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

QUINET, Antonio. Aula: **Pandemia**: entre o desamparo e o negacionismo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xkM7RSX-9ow>. Acesso em: 25 out. 2020.

REINO, Luiz Moreno Guimarães; ENDO, Paulo Cesar. Três versões do narcisismo das pequenas diferenças em Freud. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 16-27, dez. 2011 . Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-48912011000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912011000200004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 06 out. 2021.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTOS, Natália de Toni Guimarães dos; FORTES, Isabel. Desamparo e alteridade: o sujeito e a dupla face do outro. **PSICOLOGIA USP**, São Paulo, 2011, 22(4), 747-769. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psup/v22n4/aop3311.pdf>. Acesso em: 3 set. 2020.

SATTLER, Janyne. Suspensão. In: REICH, Evânia, BORGES, Maria de Lourdes; XAVIER, Raquel Cipriani (Org.). **Reflexões sobre uma pandemia**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/ Néfionline, 2020, p.89- 94.

SCHARINGER, Joana Pantoja; CHATELARD, Daniela Scheinkman. Freud: pensador da diferença. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 399-424, jun. 2010.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 155-168, Mar. 2008 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702008000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000100009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 11 fev. 2021.

SILVA, Marcela Fernandes et al. Ageismo contra idosos no contexto da pandemia da covid-19: uma revisão integrativa. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 55, 4, 2021. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102021000100500&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102021000100500&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 06 mai. 2021.

SILVA, Paulo Sergio Lima. O medo e a experiência do tempo, do espaço e do contato durante o confinamento. In: **Cad. Psicanál.** (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 42, n. 42, p. 81-92, jan./jun. 2020. Disponível em: [http://cprj.com.br/ojs\\_cprj/index.php/cprj/article/view/21](http://cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/21). Acesso em: 26 ago. 2020.

TAVARES, Mariza. Insensibilidade em relação aos velhos: efeito colateral da pandemia. **Bemestar**. Longevidade: modo de usar. Rio de Janeiro. 19 abr.2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/blog/longevidade-modo-de-usar/post/2020/04/19/insensibilidade-em-relacao-aos-velhos-efeito-colateral-da-pandemia.ghtml>. Acesso em: 25 abr. 2021.

VILA-NOVA, Carolina. Na Suécia, idosos em asilos não recebem ajuda em casos graves de Covid-19. In: **TABuol**, 28 de maio de 2020. [Recurso eletrônico] Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/05/28/na-suecia-idosos-em-asilos-nao-recebem-ajuda-em-casos-graves-de-covid-19.htm?cmpid>. Acesso em: 30 mai. 2020.

ZIZEK, Slavoj. **Pandemia: covid -19 e a reinvenção do comunismo**. São Paulo: Boitempo, 2020.

## ANEXO A – Memes que retratam a velhofobia

Figura 1 – Meme do “cata véio”



Fonte: BRUNELLI (2020, p. 81)

Figura 2 – Meme do “cata velho”



Fonte: BRUNELLI (2020, p. 81)

Figura 3 – Meme da reserva de vaga para idosos



Fonte: BRUNELLI (2020, p. 83)

Figura 4 – Meme da gaiola para idoso teimoso



Fonte: BRUNELLI (2020, p. 84)

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Orientador, Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior, pela assistência, paciência e confiança em mim depositada.

As examinadoras Prof<sup>a</sup> Dra. Jailma Belarmino Souto e Prof<sup>a</sup> Dra. Maria do Carmo Eulálio, pela disponibilidade em aceitar desempenhar essa atribuição.

Aos professores e professoras do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, que foram responsáveis pela nossa formação.

Aos colegas de turma, por tudo que compartilhamos durante o trajeto de nossa formação.

Aos colegas que, durante todo curso, se constituíram como pares, nas mais diferentes empreitadas: Ayanna, Ênio, Larissa Pontes, Lhais, Lucas e Rita.

Aos colegas dos diferentes estágios, pelo compartilhamento dos sucessos e dificuldades: Lhais, Lucas, Raisia, Vinícius, Ana Carolina, Millena Carolina, Ayanna, Criscia, Rita, Larissa Pontes e Patrícia.

Ao meu terapeuta, Miguel Márcio Ribeiro de Menezes, por sua escuta, acolhimento e apoio ao longo de minha formação e, especialmente, durante a elaboração deste trabalho.

A minha família, pela compreensão que tiveram nos momentos em que deles me afastei, deixando-me absorver na realização deste trabalho.

À Luiza Noemi Albuquerque de Brito Lins Pinheiro, pelas suas contribuições na elaboração do Abstract.

À Universidade Estadual da Paraíba, em especial ao Departamento de Psicologia, pelo apoio prestado durante o percurso de minha formação.

Aos funcionários do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, pelo carinho que me dispensaram durante o percurso de minha formação.